

CIDADE ABERTA

A0219/5

PEDRO MAIA



Causa e efeito da violência urbana

Muito se tem falado nesses tempos bicudos sobre o constante aumento dos índices da violência urbana, que cresce em todo o País. Uma simples discussão no trânsito pode acabar em morte, e muitos são os casos em que cidadãos de bem trocam sopapos em plena rua por motivos absurdos, que variam desde disputa por uma vaga para estacionar até o lugar numa fila.

Por qualquer coisa, as pessoas se engalfinham em brigas violentas e depois, às vezes até surpresas, não sabem nem explicar por que aquilo aconteceu.

A verdade é que tudo tem limite, e o comportamento das pessoas não foge a essa regra.

De repente, a violência que eclode de uma hora para outra tem razões muito profundas, então basta uma gota d'água a mais para emergir repentinamente, transformando cordeiros em lobos feroces e cidadãos pacatos em desordeiros dos mais violentos do pedaço.

Vejam os distintos leitores o que aconteceu com nosso amigo Oliveira, que acabou preso e processado criminalmente justamente por causa disso.

Tudo começou quando esse nosso amigo foi morar num bairro da periferia, e já não suportava mais a barulheira infernal vinda do bar ao lado.

Às vezes, achava até que sua cabeça ia explodir com tanto barulho de funk noite adentro.

“Se esses pilantras ainda tocassem uma musiquinha leve, podia até ser! Mas os miseráveis querem mesmo é fundir os miolos da gente!”, reclamava constantemente.

Assim, Oliveira via a se queixar, tendo feito de tudo para acabar com aquilo. Apelou até para a polícia!

Infelizmente, não deu certo: o delegado explicou que o dono do bar estava legalmente instalado e pagava os impostos que permitiam usar som em seu estabelecimento.

Oliveira tentou a interferência do centro comunitário do bairro, na esperança de forçar um movimento contra os costumes do maldito bar. Acabou dando com os burros n'água: o presidente do tal centro comunitário era com-

padre do dono do bar e nada foi feito para atender Oliveira.

Um dia nosso amigo estourou. Ele era homem calmo, de boa índole, incapaz de fazer mal a uma mosca. Viveu sempre para o trabalho e a família, preferindo a tranquilidade do lar a qualquer outra coisa. Nunca frequentou bares e sempre foi avesso a reuniões sociais. Porém, era criatura humana e, como toda criatura humana, tinha limite.

A coisa aconteceu de repente. O bar estava movimentado quando Oliveira apareceu na porta

vestindo pijama, de chinelos e com uma baita chumbeira debaixo do braço com os dois gatilhos armados.

“Vai parar essa porcaria de barulho ou não vai?”, gritou da porta para, em seguida, levar a espingarda ao ombro e disparar o primeiro tiro, que despedaçou um grande espelho.

Antes de apertar o gatilho pela segunda vez, o salão do bar já estava completamente vazio. Mesmo assim, apontou com cuidado para o custoso aparelho de som e deu o segundo tiro. Voaram peças pra todo lado.

Depois, colocou a espingarda no ombro e, tal qual um soldado satisfeito

com o resultado da batalha, bateu orgulhosamente em retirada para sua casa.

No outro dia, foi intimado a comparecer na delegacia, onde tranquilamente explicou ao delegado: “Pois é, ‘seu’ doutor! Os miseráveis todo santo dia azucrinam meus ouvidos e eu sempre aturei calado. Mas logo no capítulo final da novela? Essa não! Eu não podia perder o último capítulo, foi aí que não aguentei. Me enchi de razão e mandei ver!”.

E mais não disse, nem lhe foi perguntado.



Por qualquer coisa, as pessoas se engalfinham em brigas violentas e depois não sabem explicar o porquê